

O PRAZER DA LEITURA- DE CASA PARA A ESCOLA

Rosângela Maria Marçal¹
Tânia de Fátima Viana de Freitas¹
Miguel Fecchio²

RESUMO: Mais que simplesmente especular, este artigo pretende apontar possíveis falhas do sistema educacional em se tratando de incentivo à formação do leitor no seu sentido mais amplo, não para recriminar as metodologias utilizadas por muitos professores e por muitas escolas, mas para tentar entender a raiz do problema e, quem sabe, tentar mostrar, nortear caminhos mais atraentes e eficazes a serem percorridos por educadores e familiares que visam a formar novos leitores. Para a realização do trabalho foram consultados autores de reconhecida produção na área (CHARMEUX, 1995; FREIRE, 2001; LAJOLO, 1997), entre outros, para trazer a luz da contemporaneidade qual o papel que os familiares, os professores, a escola, o sistema educacional, devem desempenhar na busca do entendimento e melhor tratamento sobre alguns pontos que dificultam a boa formação integral do cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: família, escola, conhecimento, livros, criança.

INTRODUÇÃO

Quando se profere a palavra “ler”, remete-se a um significado tão complexo para algumas pessoas, que leva pesquisadores à reflexão sobre esse tema. Qual o motivo de tantas dificuldades para que se obtenha uma boa aquisição leitora? Por que essa atividade ainda não é motivo de prazer para muitas pessoas? Qual o papel da escola e da família na formação das crianças para que essa atividade se torne um prazer constante em suas vidas?

É importante entender no entanto que, nem sempre prateleiras repletas de livrinhos ilustrados e CD-ROMS educativos convencem a criança a ler. Quase sempre, os pais, quando percebem o baixo rendimento dos filhos nas aulas de Português, a dificuldade que encontram em compreender um texto e, conseqüentemente, a pobreza na comunicação com o mundo, se utilizam de subterfúgios, os mais diversos, para persuadi-los a se encantarem com as letras. O prazer para a leitura, entretanto, não será adquirido tomando sopa de letrinhas, nem tampouco como obrigação imposta por pais e professores. O que, de fato pode funcionar como alimento para a aquisição dessa prática, é reservar aquele tempinho de leitura para os pequenos.

DESENVOLVIMENTO

Ao invés de tantos brinquedos, muitas vezes caríssimos, com os quais as crianças brincam duas ou três vezes e depois os mantêm guardados juntos a outras dezenas, ocupando espaço e criando poeira, por que não presentear com livros as crianças, para que, desde cedo, tenham com esse objeto, uma relação de intimidade?

Quando muito pequenos, de colo, há livrinhos infláveis e lúdicos, com os quais a criança pode brincar tomando banho.

Na Inglaterra há uma organização, sediada em Londres, a “Booktrust” que desenvolve um programa intitulado “Bookstart”, muito conhecido por lá, é o único do gênero em todo o mundo. Ao nascerem, as crianças recebem um saco de livros para bebês, acompanhados de guias orientadores da leitura que permitirá aos pais acompanharem

de perto as leituras sugeridas.

Para Charmeux (1995:115), “*A maneira como a “coisa escrita” é recebida em casa determina em grande parte o modo pelo qual a criança vai recebê-la no contexto familiar vai determinar a impressão que a criança vai ter sobre ela*”.

O exemplo é sem dúvida o melhor argumento pois, elimina palavras e sermões. A criança que assiste à família ler constantemente, buscará repetir esse gesto sem que seja necessário impor condições. Ensinar o prazer da leitura é também se apresentar às crianças como alguém que gosta de ler, e que ganha com isso.

Mostrar à criança o quanto se aprende por meio da leitura, lendo alto por vezes, em casa para tornar público o que se está lendo, discutindo o assunto com o(a) parceiro(a) ao mesmo tempo em que se lê, falando com a criança sobre o conteúdo dos jornais e livros, enfim, partilhando a vida escrita com a criança.

Segundo Barbaio no texto abaixo, tão entranhado está em leitura, e leitura nele, que está na veia. Talvez seja assim que se deva tratar a leitura e o ato de ler.

Leio. Leio e releio. Sosleio, leio a sós. Sentado na poltrona estou lendo o que leio. Transleio o que só eu leio. Na poltrona sentado recomeço a reler o que pela vida toda leio. Leio que na poltrona releio o que só leio quando me enleio na poltrona. Leio que estou lendo a leitura lida e só na poltrona passeio nas lides do lido, meneio a cabeça quando entendo que a leitura está no que é lido quando leio e quando releio. Leio, releio. Foi só aí que veio o que foi lido. Veio a leitura na veia. (BARBAO, 2003)

Se é impregnando o ambiente das crianças de material para leitura que se conseguirá iniciá-los nessa prática, então essa é uma prática que deve ser exercitada. Livros não devem ocupar lugar inacessível às crianças, e sim estarem espalhados por todos os cômodos da casa onde a criança possa alcançá-los, folheá-los, não uma ou duas, mas dezenas de vezes; os pais devem participar ativamente desse processo sempre se colocando à disposição para responder aos questionamentos

¹ Graduanda do curso de Letras da UNIPAR- Campus Cianorte

² Professor da UNIPAR- campus Cianorte - Mestre em Educação, miguel@unipar.br.

dos filhos. É também importante valorizar o momento reservado à leitura em voz alta, o afeto transmitido nesse momento, vai garantir um lugar especial na lembrança dos pequenos, fazendo o ato da leitura ser um motivo de alegria. No entanto, se essa atividade representar um fardo para os pais, gerará ansiedade e desprezo nas crianças. O que de fato importa é a entoação da voz do contador, e as repetições das frases, parágrafos ou páginas que são necessários de acordo com os pedidos do ouvinte, e tudo sem alteração do humor. Um bom exemplo para fortalecer essa afirmação é o de Paulo Freire, que, com pouquíssimos recursos de que dispunha em sua infância, mas com o importante auxílio dos pais, aprendeu antes de ir para a escola, a ler, e se tornou um ferrenho defensor da leitura e da formação de leitores.

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior, dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz". (FREIRE, 2001, p. 15)

O depoimento de Paulo Freire chega a ser lírico, entretanto, leva à reflexão sobre o papel da família nessa busca incessante dos pais verdadeiramente preocupados em estarem preparando seus filhos para serem cidadãos e ocuparem um lugar de destaque na sociedade, e prova que não é a riqueza dos objetos usados para seduzir para o ato de ler, que determina a construção do leitor, e sim a forma como isso acontece. A presença dos pais deve marcar estes momentos que devem ter sempre a conotação de magia, e afetividade.

Se aos familiares, cabe iniciar as crianças na leitura, à escola caberá dar continuidade a esse trabalho.

O aprendizado da leitura pode ser ilustrado com o poema de João Cabral de Melo Neto, "Tecendo a Manhã", ao referir-se ao entrelaçamento do tecido.

Um galo sozinho não tece uma manhã;
Ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
E o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
(MELO NETO, 1975, p. 19)

Essa forma de construção do leitor foi assemelhada com muita propriedade por Marisa Lajolo. Segundo ela: "cada leitor na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando". (LAJOLO, 1997, p. 104)

A atividade de leitura não pode se ater apenas na decodificação de palavras. Faz-se necessário ir além, compreender o subentendido, fazer analogias, ler as entrelinhas; isso não é assunto que deva ser tratado apenas por estudantes de letras, é assunto muito sério que colocou o Brasil numa posição muito ruim no último teste do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), aplicado

no ano de 2000, em que esteve em 37º lugar em leitura. Esse resultado, entre outros fatores, pode estar diretamente ligado com as estratégias utilizadas pelos professores de leitura. O que será que acontece quando as crianças chegam à escola? O que acontece entre outras coisas, é o seguinte: Sabe-se que há algumas falhas nas atividades de leitura que, embora para os professores possa não parecer tão sérias, para os alunos podem ser determinantes para um bom desempenho em sua formação como leitores. As atividades desenvolvidas elas nem sempre são agradáveis, por que os textos a serem lidos, muitas vezes são impostos. A avaliação passa pelo crivo repetitivo dos professores, com perguntas como: "Gostaram da história? Sobre o que fala? Qual o nome do personagem principal?" O ambiente de leitura nem sempre é o melhor e nem oferece o conforto necessário ao relaxamento do leitor. Fatos como esse podem estar fazendo do livro um inimigo indesejado e o prazer pela leitura que poderia se expandir vai se tornando cada vez um fardo mais pesado de carregar entre as tantas obrigações escolares. Destruir a fantasia do texto, transformando-o em um instrumento para inserir o estudo da gramática, é outro fator que, aos poucos, incute na criança o dissabor pela leitura.

Não se pretende com esse comentário encontrar culpados, isso seria se colocar confortavelmente em uma posição de observadores acima do bem e do mal. O que se pretende é levar a reflexão sobre a forma como a leitura está sendo tratada nas escolas. É chegada a hora de mudar de uma vez as estratégias de leitura. O professor tem um papel fundamental na formação do novo cidadão e o sucesso de uma pessoa pode estar muito mais ligado à sua competência leitora do que se possa imaginar. A dinamização dos professores, a reformulação das bibliotecas escolares, a criação de espaços agradáveis para a leitura são fatores decisivos para que a mudança aconteça.

No entanto, para que a mudança ocorra efetivamente é necessário muito empenho e coragem para inovar a educação no Brasil. Sabe-se que a prática de ensinar leitura, gramática e redação separadamente, não é vista com bons olhos pelos profissionais da educação. O ensino compartimentalizado ainda é muito praticado em escolas de rede pública e privada. Ainda há muitos professores defensores dessa prática que se esquecem que o conhecimento da criança deve ser generalizado para que possa agir em diferentes ambientes e diferentes situações e fazer escolhas certas. Aulas de gramática, literatura, redação, leitura devem constituir-se num todo em que uma área trabalhe em benefício da outra e essa integração deve, sempre que possível, extrapolar os limites de uma disciplina, inserindo-se em outras num grande movimento de interdisciplinaridade que, ao final, propiciará uma formação integral de melhor qualidade ao educando.

À medida que domina a leitura, sabendo conectá-la permanentemente ao seu cotidiano, a criança desenvolverá autonomia de pesquisa e estará mais habilitado a inventar, experimentar, viver as situações com maior motivação.

CONCLUSÃO

Diante destes questionamentos sobre a forma como se deve ajudar a criança a desenvolver o prazer pela leitura ou como isso deva acontecer, conclui-se que, num mundo repleto de informações instantâneas e que giram em um

ritmo alucinante, fazer com que uma criança deixe jogos eletrônicos cada vez mais modernos e dinâmicos, para pegar em um livro, não é uma tarefa tão simples. A princípio, o livro tem que estar adequado à maturidade leitora da criança, ou seja, não se deve observar apenas a idade, e sim o conhecimento de mundo que a criança traz do seu contexto familiar e social.

Dar liberdade para a escolha do livro é de suma importância, só escolhendo a literatura que quer ler é que a criança constroa um significado relevante para si mesma do que é importante para ela, e principalmente o que lhe dá prazer. Essa etapa certamente renderá muito mais, se como já foi dito acima, a prática da leitura já tiver sido iniciada em casa. Caso isso não tenha acontecido por algum motivo, aos professores restará dar início, o que aumentará o trajeto, para se atingir o objetivo. Essa situação, no entanto, não deve ser tomada como negativa, pois, se a escola souber conduzir bem o processo, poderá com muita segurança dar uma formação de boa qualidade à criança para que esta se torne um futuro leitor.

A escassez de tempo destinada a essa prática, e a má

condução do processo, são, sem dúvida, fatores relevantes para o desestímulo das crianças e adolescentes para a leitura. E isso é sem dúvida uma problemática de alto risco, já que o resgate é sempre mais difícil.

Não se pode esquecer que uma parceria entre família e escola podem ajudar muito para o desenvolvimento, desde cedo, do gosto pela leitura nas crianças, e isso propiciará que elas decidam seu futuro e escrevam suas próprias histórias.

BIBLIOGRAFIA

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2002

CHARMEUX, E. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. Cortez: 2001.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997, p.104-106.

MELO NETO, J. C. de. Tecendo a manhã. In: **Poesias completas**. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1975. p. 19.

BARBAO. **O Prazer da leitura**. Disponível em: <<http://www.gardenal.org/barbao/archives/html>> Acesso em: 23 ago. 2004.